

Literatura de Cordel, 1.695

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante
Trovador Brasileiro

ZÉ GORDO — O HOMEM DO POVO



1ª edição 1984

P R E F A C I O

“O indivíduo que trabalha, acerca-se continuamente do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a dele”.

Rui Barbosa

Das biografias, em versos, do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, por certo “Zé Gordo — O Homem do Povo” está fadada a alcançar grande sucesso nacional.

Trata-se de um personagem simpático, trabalhador, ex-Prefeito de Cristalina — Goiás, que mereceu a consagração do povo de sua terra. Homem trabalhador, temente a Deus, que faz do próximo o seu irmão e por isso ainda o Povo de Cristalina o quer para Prefeito.

Rodolfo Coelho Cavalcante — um autêntico escritor popular fez da sua narração um-cordel agradável e retratou um homem de ideal, mesmo sofrido por incompreensões de adversários políticos, muito contribuiu para o progresso do seu município.

Zé Gordo fica na História da Literatura de Cordel como um personagem marcante, popular e amigo do Povo por tudo que realizou na sua grande gestão.

Biógrafo e biografado estão de parabéns.

Armando de Oliveira Silva

(Poeta e Escritor consagrado nome na Poesia Popular Brasileira, e na Bahia).

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante
Trovador Brasileiro

ZÉ GORDO — O HOMEM DO POVO

Dos grandes Vultos da Pátria
Que a minha pena domina
Escrevo biografias
Como que por uma sina,
Agora falo de um filho,
Pelo seu imenso brilho
Da Cidade Cristalina.

Cristalina é uma Cidade
De porte monumental
Do Estado de Goiás
Distante da Capital,
Deu-se seu progresso após
JOSE RODRIGUES QUEIROZ
Seu Chefe Municipal.

É o Zé Gordo conhecido
Por toda população
Que deixou seu nome escrito
No âmago do coração
Do povo de Cristalina,
Cuja terra hoje fascina
Graças a sua gestão.

No ano mil novecentos
E vinte e nove nasceu
O Sr. José Rodrigues
De Queiroz, bem digo eu,
Por Zé Gordo apelidado,
Cidadão muito estimado
No lugar em que viveu.

Daniel Rodrigues sendo
Um honesto fazendeiro
Ao nascer o nono filho —
Seu futuro companheiro,
Pedi a Jesus o brilho
Que iluminasse seu filho —
O seu fruto verdadeiro.

Dona Henriqueta Andrezinha
De Jesus muito contente
Pedi para a Mãe de Deus
Que aquela santa semente
Trouxesse felicidade
Ao seu Povo e a à sua Cidade
Para orgulho de sua gente.

Dez filhos deste casal
Sendo o primeiro Crispim
E o segundo Amadeu,
Galvão — o terceiro, enfim,
Depois Elfrida e Alfredo,
Nestório, digo sem medo,
Cada qual um querubim.

Sétimo — nasceu Daniel
Num dia muito fagueiro,
Veio oitavo — Maria
Pra alegrar o Fazendeiro,
Zé Gordo foi o penúltimo
E por fim chegou o último
Oliveira — o derradeiro.

Desde criança José
Ficou sendo apelidado
Por ZÉ GORDO, por ser ele
Baixinho, gordo, engraçado,
De um coração bondoso
Mas brincalhão e teimoso,
Dando para os seus pais cuidado.

Na sua infância viveu
Zé Gordo, em Santa Luzia,
Que é hoje Luziânia
Terra que Deus pretendia
Pôr um homem de ação
Pra cuidar da região
Que aos poucos, pouco, morria.

Ao lado de Inácio Neto,
Jesus Meirelles, Vicente
Ferrer de Melo — os amigos
Cada qual irrenitente
Fez parte da sua infância,
Porém com a substância
De lealdade, somente.

Roberto Selin também
Da infância, companheiro,
Eram seus fiéis amigos
Para um futuro altaneiro,
Alguns foram doutorados,
Outros sendo Deputados
E ele bom Fazendeiro.

Menino alegre e travesso
Sempre foi um brincalhão,
Por isso que era querido
Por toda população
Assim foi ele crescendo
Com o povo se entendendo
Para cumprir sua missão.

De muitas suas travessuras
Zé Gordo nunca se esquece,
Nos conta Luiz Alberto —
O seu filho que merece
A nossa admiração
E o preito de gratidão
Pelos dados que fornece.

— Certa senhora chamada
Josefina possuía
Um pomar cheio de frutas
Porém a ninguém vendia,
Zé Gordo um dia chegou
E à compra lhe falou
A fruta que pretendia.

— As minhas frutas não vendo,
Todas são do seu Vigário.
Zé Gordo disse consigo:
Velhinha não sou otário...
Ficou ela tapiando
Com conversas enrolando
Para outro "necessário".

Seus companheiros que estavam
Descalços, de peitos nús,
Cairam lá no pomar
Parecendo uns urubus,
O que quizeram levaram
E aborrecidos pelaram
Uns quatro pés de cajus.

Zé Gordo — o chefe da turma
Pagou pela brincadeira,
Pois Dona Henriqueta soube
E a surra foi de primeira...
Tudo isso, na verdade,
Foram coisas da idade
Quando a vida mais fagueira.

Dos seus amigos de infância
Zé Gordo sente saudade.
Exemplo: Jesus Meirelles
Hoje personalidade,
Homem de elevada idéia
Já presidiu a Assembléia
Do seu Estado, em verdade.

Seu cavalinho "FUMIM"
Era um animal ensinado,
Quem o chamasse "INIMIGO"
Recibia seu "trocado"...
O animal se aborrecia
E por certo pagaria
O cabra que fosse ousado.

Jesus Meirelles ao lado
Da mãe dele conduzia
Uma bacia de roupa
E quando Zé Gordo via
Montado no seu cavalo
Somente para assanhá-lo
Com o cavalo bolia.

"INIMIGO" ou "INIMIGO!"
A frase não terminou
Porque FUMIM enfezado
Com ele não conversou.
Deu dois pinotes, partiu,
Que o menino ali caiu
Quando não se levantou.

Foi aos seus 16 anos
Que começou a estudar
Zé Gordo, lá, em Silvânia,
Para poder enfrentar
A vida, melhor assim,
Foi no COLÉGIO BONFIM
Para deixar de brincar.

Devido as travessuras
Que José ali fazia
Os Padres como castigo
O levou pra Enfermaria,
E na hora do recreio
Por causa do seu paleio
Deixava-o na Portaria.

Completando seus estudos
Primário e Girasial
Perdeu o seu pai querido
Cuja dor foi crucial,
Ao ficar na orfandade
Sua vida, na verdade,
Teve mudança total.

Foi se unir aos irmãos
Mancebos trabalhadores
Para cuidar das Fazendas
Para aumentar seus valores,
Pois só assim, na verdade,
Teria prosperidade
Como bons agricultores.

As lavouras das Fazendas
Cuidaram ser cultivadas
Se tornando logo prósperas
E melhor valorizadas,
Muito gado possuía
E a família progredia
Por suas lutas honradas.

Zé Gordo, com 20 anos,
A filha do ex-Intendente
Elza de Paiva sentiu
Um amor surpreendente.
Logo se apaixonou
E depressa a conquistou
Como sua pretendente

Otaviano de Paiva
Rezende não se estranhou
E como genro e amigo
Muito contente o aceitou,
Zé Gordo homem abastado
Bastante conceituado
O himeneu se realizou.

Indo morar na Fazenda
Que o pai havia deixado
Zé Gordo com sua esposa
Criando bastante gado
E com vastas plantações
Honrava as gerações
Dos Queiroz, do seu passado.

Comprava gado e vendia
E assim desenvolvendo
Nasceu o primeiro filho,
O único, melhor dizendo,
Garoto bonito, esperto,
Por nome Luiz Alberto
Com o velho pai parecendo.

Orlando Braz de Queiroz
Um primo de confiança
Que foi um dos seus amigos
Quando em tempo de criança,
Zé Gordo dando risada
Fala de uma caçada
Que não lhe sai da lembrança

Orlando tinha um apelido
Conhecido por "TILANO",
Solteirão desiludido
De Zé Gordo, quase um mano
Deu-se numa pescaria,
Mas uma daquele dia
De Zé Gordo, todo ufano.

Foi na "FAZENDA POÇÕES"
Antiga propriedade
De Zé Gordo que Tilano
Quando lhe dava vontade
Ia saudade matar
Somente para pescar
Para esquecer a cidade.

No Ribeirão "SAMAMBAIA"
Começou a pescaria,
Tilano jogou o anzol
Na água, com euforia,
E saiu ligeiramente
Zé Gordo arditosamente
Sua travessura fazia.

Num arreo dos vaqueiros
Zé Gordo o anzol pregou,
Tilano muito contente
Quando seu anzol puchou
Fez força, não conseguiu,
Pelo peso ele sentiu
Que um grande peixe fisgou.

Naquela hora o rapaz
Abriu a boca gritando
— Chega gente, me ajuda,
Que meu anzol tá fisingando
Um peixe descomunal.
— Me ajuda pessoal
Que o peixe está bufando!...

Ao depois do puxa-puxa
O arreio apareceu,
Zé Gordo dando risada,
Tilano se aborreceu,
Dizendo: — só poderia
Ser sua patifaria,
Seu cara de maçabeu.

— Eu tive pressentimento
Que havia "coisa" feita,
E só podia, Zé Gordo,
Ser uma sua nova treita.
— Pegar arreio, me deixe...
Aqui ninguém pega peixe
Para pagar a desfeita.

Sairam todos sorrindo
Foram pra casa almoçar.
Tilano que nunca mais
Foi para Poções pescar.
Zé Gordo não se emendava
Porque logo planejava
Outra para alguém pegar.

Dos seus amigos — Salu
Este não é esquecido
Por Zé Gordo. O tal rapaz
Era um mancebo sofrido,
Por uma asma danada
Era uma pessoa cansada.
Amarelo desnutrado.

Deu-se numa sexta-feira
Conta Zé Gordo saudoso,
Pois sabendo que Salu
Era surpersticioso
Mandou assar uma chouriça
Dessas rosada maciça
Pelo seu plano engenhoso.

Salu disse: — Deus me livre
Comer carne sexta-feira,
Pelo amor de Deus, Zé Gordo,
Deixe dessa brincadeira,
Custando lhe convencer
Salu teve que comer
Na maior da tremendeira.

A noite Zé Gordo fez
Com Salu uma do cão,
Mandou alguém se vestir
Com o seu camisolão
E parecendo um fantasma
Salu com medo e com asma
Ajoelhou-se no chão.

— Eu juro minha santa Alma
Que por mim eu não comia,
Culpado foi o Zé Gordo
Que fez a sua arrelia,
Zé Gordo dando risada
Disse: qual alma, qual nada,
Deixe desta covardia.

Muitos casos de Zé Gordo
Cheios de bom humorismo
Daria para um folheto
Por seu encanto e lirismo,
Mas. Vamos falar agora
Do homem que o Povo adora
Por seu amor e civismo.

Em mil novecentos sessenta
Zé Gordo participou
De uma grande descoberta
De Cristal que ali brotou,
Na "ÁREA DOS FAZENDEIROS"
Ele e outros companheiros
Toda a região mudou.

No ano Setenta e Seis
Zé Gordo foi empurrado
Ao ingressar na Política,
Tendo seu nome cotado;
Por seu prestígio e conceito
Como Prefeito é eleito
Num Partido iniciado.

Derrotou os candidatos
Da chamada antiga Arena,
Cristalina viu-se em festa
Com aquela bonita cena,
O PMDB venceu
E a grande Arena perdeu
E ninguém chorou com pena.

Ao assumir a Prefeitura
Aquele homem roceiro
Seis anos teria ele
Se tornar o vanguardeiro
Daquele povo sofrido
Espoliado e oprimido
Como Líder verdadeiro.

Que luta dura e penosa
Lutar contra a oposição.
Tudo quanto ele queria
Os rivais diziam: Não!
Mesmo solvendo vinagre
Realizou o milagre
De sua disposição.

Com vontade de fazer
Tudo para sua gente
Deu nova vida a Cidade,
Pôs o progresso pra frente,
Só tinha ele um princípio
Progredir seu município
Como um Chefe competente.

Sem apoio do Governo
Do Estado de Goiás,
Sofrendo perseguições,
Guerra fria e tudo mais,
Não deu bola aos opressores
Nem tão pouco aos faladores
Que ao Povo nada faz.

Tinha hora que Zé Gordo
Pensava tudo largar
Mas tinha o seu compromisso
Com o povo do lugar,
Fez Cristalina crescer,
Tudo se desenvolver
Sem nada se incomodar.

Chegou a sofrer enfarte
Com tanta perseguição,
Quatro pontes de safena
Sofreu o seu coração,
Mas como o ideal é forte
Venceu ele a própria morte
Honrando a Administração

Terminou o seu mandato
Todo coberto de glória,
Nos braços do próprio Povo
Passando para a História,
Seu nome hoje é lembrado
Dele voltar abraçado
Para servir de memória!

Seu filho Luiz Alberto
A sua História escreveu
Contando como Zé Gordo
Lutou, sofreu e venceu,
Fez do seu Povo um amigo,
E em vez do inimigo
Só o seu nome cresceu.

Voltou à vida privada
Após a missão cumprida,
E perante os conterrâneos
Anda de cabeça erguida,
Cristalina no presente
O deseja novamente
Para ser mais protegida.

Que Zé Gordo ou o próprio Filho
Nesta próxima eleição
Volte à terra governar,
Assim já diz o Povão,
Zé Gordo ou Luiz Alberto
De Queiroz — é o nome certo
Do Povo da região.

Meu estimado Zé Gordo
Você, por certo, merecc,
Nossa sincera homenagem
E o povo lhe agradece
Por tudo que fez na raça,
Falta seu Busto numa Praça
De Cristalina que cresce.

F I M



Rodolfo Coelho Cavalcante
Trovador Brasileiro

Caixa Postal, 916
CEP 40.000
Salvador — Bahia

Está dizendo o povão
Que Zé Gordo voltará
Isto não afirmo, porém,
Ninguém mais duvidará,
Será ele ou Luiz Alberto
O candidato mais certo
Que o povo elegerá.

Rodolfo Coelho Cavalcante

* * *

Se o leitor tem interesse de conhecer "VIDA E LUTA DO TROVADOR RODOLFO COELHO CAVALCANTE", Volume de 324 páginas, de Eno Teodoro Wank e, envie Cr\$ 4.000,00, por VALE POSTAL que conhecerá um poeta do Povo que escreveu quase 2.000 folhetos de Cordel, e fez do Nordeste o palco de sua vida.

Foi palhaço de circo, foi preso pelos cabras de Lampião, foi camelot de remédio, propagandista de Lojas. Coursou Jornalismo, tornou-se Membro de mais de 20 Academias e Entidades Culturais, Líder dos Cantadores e Poetas de Cordel. Um dos pioneiros do Movimento da Trova, no Brasil. Diretor de dois jornais "BRASIL POÉTICO" e "A TROVA".